

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 23

Data: 24 de setembro de 1980

Pg.: _____

Dos leitores

190 Problemática indígena

Sr.: Entendo que o Brasil (governo federal), defrontado a problemática da população indígena, terá que optar entre o gangsterismo (deixando massacrar os brasileiros 100%, que são os índios) ou pela solidariedade com ele, outorgando-lhe terras (20 ha por pessoa, tal qual postula a experiência indígena de campo), delimitadas pelo menos cardinalmente, como se faz com os limites políticos — geográficos — nacionais.

Estando agora aqui no Uruguai, Montevideu, parece-me perceber que, além de deficiências funcionais, a Funai tem elementos diretivos atuando com critérios anacrônicos ou francamente errôneos no que respeita à mentalidade do índio.

Não percebem ou esquecem que os índios — seus Tuchauas — estão atualizados: sabem o que significa um instrumento jurídico em torno de seus direitos, pois têm dado um pulo gigantesco desde sua cultura neolítica selvática (pedra polida, osso, madeira) até chegar à picada do aço inoxidável (terçados, machados, etc.) e da eletrônica (receptores e gravadores).

Quero dizer que, do ano 30 ao presente, a mentalidade do índio em geral tem experimentado um ajustamento suficiente a impedir ser tido como infantil, patológica ou pré-lógica pelo fato de ser seu transcurso mais natural, mais biológico que o nosso.

A verdade é que cada dia mais, a população indígena brasileira encontra-se melhor preparada para a defesa de seus mais legítimos direitos, usurpados pelos carafas ("inventores" de verdades, como nos chamam os Chamacocos de Bahia Negra, no Alto Paraguai, para não dizer-nos mentirosos) já sejam humildes posseiros ou donos de empresas, vinculados e poderosos.

Não há dúvida de que a população indígena constitui uma minoria étnica e, portanto, acreedora de considerações e garantias outorgadas a outras minorias nativas senão imigradas ao grande e paradoxal Brasil.

"A. Antropologia Econômica estima que cada índio adulto que usufrui da Natureza necessita 20 ha para sobreviver. Portanto, uma comunidade de 800 pessoas precisaria de 16 mil ha, o que é demais razoável. Porém, esta é só uma parte do contexto geral.

E preciso falar de interculturalização (não de um índio ideal e perfeitamente integrado), dito no sentido de um sincretismo cultural funcional, isto é, uma funcionalidade que vai facultando as comunidades a viver mais restritamente dentro de seus perímetros, ou seja, cada vez mais da agropecuária e cada vez menos exclusiva e extensivamente da Natureza. Constitui uma progressiva possibilidade salvacionista para a população indígena, defrontada com a contínua invasão de suas vastas terras teoricamente concedidas e simultanea-

mente invadidas por posseiros e empresas.

Acredito que o arrendamento que as comunidades fazem (Carayas, Chavantes, etc.) de seus lotes não terá cabimento num futuro próximo. Os índios terão de trabalhar orientadamente suas terras. Vinculado a esta perspectiva, estou convencido de que os Parques Antropológicos onde o índio vegeta (mentalmente subestimado) deveria dar lugar aos Parques Dinâmicos, ou seja, reservas onde o índio iria modificando seus status (da caça, pesca e realocação para os cultivos e criação) conduzido por "espécies" de Cooperativas de Produção e Consumo integradas por pessoal civilizado e "tuchauas". Além de tudo, o índio iria adquirindo novas maneiras de convivência e hábitos imprescindíveis no contato permanente que haverá de ter com a população regional. Seria algo rudimentarmente semelhante às agrovilas do Incra, onde o índio, desde a infância e por impregnação, se iria familiarizando com seleção de sementes, rotação de cultivos, adubos, enxertos, marcações, cavalos, bois, arado, ordenhas, safras, etc.

Penso que constitui uma anomalia e uma contradição, dentro de um Brasil em crescimento integral, manter a população indígena alheia às coordenadas que regem a evolução e interrelação econômico-cultural do sertão. Reitero minha convicção de que o rumo do índio deveria ser o da indústria agropecuária para a qual sua sensibilidade panteísta apresenta concomitâncias flagrantes, de primeira linha. Naturalmente, deveríamos estar junto a ele nos primeiros tempos.

Para mim, os Parques Antropológicos Estáticos (Xingu, Bananal, Aripuanã, etc) carecem de funcionalidade antropológica e constituem inadmissíveis anacronismos racistas.

Por certo que é necessário agradecer reverentemente aos Irmãos Villas-Boas a idéia dos parques destinados a salvar o índio. Não obstante, agora, os parques desse jeito estão descaracterizados algumas vezes pelo próprio índio. Este personagem tremendamente telúrico do característico e pujante mosaico étnico brasileiro (como muito bem expressara Arthur Ramos) não pode prosseguir marginalizado, devendo sim integrar a cidadania exercendo seus direitos eleitorais.

Assim, de problema em problema, a população indígena será liquidada infamemente. Defrontado com tão triste possibilidade, estou convencido de que a agropecuária dirigida é uma das poucas oportunidades de que a hemoglobina autóctone passe a integrar a nação brasileira em vez de sumir-se na tabatinga da imensa bacia. José A. de Oliveira, ex-professor de Antropologia do Instituto de Estudos Superiores e da Faculdade de Humanidades e Ciências de Montevideu, Uruguai